

FIP 1000 0-55  
D

---

**PAULO FREIRE**

---

O MAIS IMPORTANTE EDUCADOR DO BRASIL



MAURICIO NAIAS

# **O IDEALISTA QUE QUIS ACABAR COM O ANALFABETISMO**

---

## **MEMÓRIAS**

---

*"A educação de que precisamos há de ser a que liberte pela conscientização. Nunca a que ainda mantemos — a que doméstica e acomoda", repetiu Paulo Freire ao longo da vida. Com humor e ternura, dizia que as grandes alegrias de sua vida foram os cinco filhos e, com a mulher, um aprendizado: "Quanto mais se ama, tanto mais se ama".*

**“Sei o que significa ter fome. De vez em quando a matávamos furtando jaca e manga de quintais vizinhos. Com meu irmão Temístocles, eu conhecia a geografia dessa fome: a geografia dos quintais dos outros. Mesmo assim, foi uma infância feliz.”**

O homem que revolucionou a filosofia da educação, o homem que só teve possibilidade de entrar no curso secundário com 15 anos e é doutor *honoris causa* por 28 universidades brasileiras e estrangeiras, o homem que tem sua estátua em uma praça de Estocolmo, na Suécia, está morto. Morreu o autor de *Pedagogia do Oprimido*, publicado em 1969 e traduzido em cerca de vinte idiomas, inclusive grego e chinês. Morreu em São Paulo, num dia de sol e ar seco tocado por uma brisa, dia azul luminoso como se fosse homenagem a ele, nascido sob o céu de azuis do Recife. Morreu Paulo Reglus Neves Freire tal qual um profeta, vastas barbas e cabelos brancos, admirado por discípulos agora empobrecidos de todo o Brasil, que o descrevem como pedagogo único, encantador, contador de casos, inventor de palavras, fala mansa, objetivo e irrequieto, lúcido e sensível, atento à dinâmica da realidade, dotado da límpida simplicidade dos sábios.

Paulo Freire dedicou a vida à educação. Dizia: “Não há povo *deseducado*. Há povo *educando-se*”. E acusava: “O *analfabetismo* *esconde, no fundo, uma proibição. Uma proibição social*”. Seu método para alfabetizar adultos era simples. Por meio de palavras-chave da comunidade a alfabetizar, selecionadas com ajuda de pesquisa, iniciava o aprendizado. São as *palavras-geradoras*. *Tijolo*, por exemplo. Desmembrado em sílabas: *ti-jo-lo*, o *ti* enseja o aprendizado do *ta-te-n-to-tu*, o mesmo se dando com o *jo* e o *lo*.

Seguem-se debates sobre as situações da vida cotidiana ligadas à palavra-geradora, que levavam os alunos a diferenciar entre os chamados *mundo da natureza*, o *real*, e o *mundo da cultura*: o resultado de seu trabalho, de seu esforço criador, implicando crítica política, social, econômica. Foi o caminho encontrado por Paulo Freire, um cristão assumido, para superar o fatalismo, sobretudo dos homens do campo, que responsabilizavam Deus ou o destino pelos erros de uma estrutura arcaica e desumana.

Paulo Freire conhecia-os bem, os marginalizados. Passara fome como eles. Nascido em 1921, dia 19 de setembro, “no bairro da Casa Amarela, na Estrada do Encanamento, 724”, como gostava de lembrar, era o caçula de três filhos e uma filha, em uma família de grande harmonia e muito amor. Em *O Livro do Bebê*, citado em *Paulo Freire — Biobibliografia*, de Moacir Gadotti (55) e outros (Cortez/Unesco/Instituto Paulo Freire) há um relato da mãe, Edeltrudes Neves Freire: “Com verdadeiro *carnho* pega no *crucifixo*”. E numa entrevista sobre o filho: “Ele não se conformava em ir à aula sem as lições prontas, chorava demais; enquanto não tinha certeza de que sabia, não comparecia à aula”.

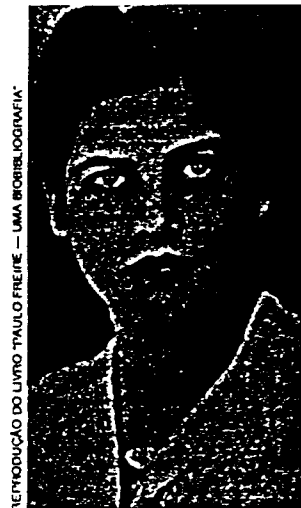
Com 13 anos, quando moravam em Jaboatão, cidade:inha a 18 quilômetros do Recife, morreu o pai, Joaquim Temístocles Freire, capitão reformado, de mentalidade aberta, fluente em francês, marceneiro que, apesar da pobreza, nunca tirava a gra-



Paulo Freire e a primeira mulher, Elza, em 1957 (em pé, à dir.). Atrás, as filhas Madalena (segunda da dir. para a esq.) e Cristina (sexta). Joaquim (no colo) pega o braço da mãe.



Harvard (EUA), 1969: o frio faz com que deixe a barba crescer.



Elza Maia Costa de Oliveira, primeira mulher do educador.

vata — apurmo não se perdia. As dificuldades da mãe viúva para sustentar a família, com a pequena pensão do marido, foram enormes. Mas o piano alemão, onde uma tia tocava Beethoven e Bach, nunca foi vendido.

“Eu sei o que significa ter fome. De vez em quando conseguíamos matá-la furtando jaca, manga, banana de quintais vizinhos. Com o meu irmão Temístocles, eu conhecia a geografia desta fome, que era a geografia dos quintais dos outros. Apesar da fome, foi uma infância feliz”, divertia-se Paulo Freire.

Ao conviver com as pessoas simples, nadar no rio, ver as lavadeiras batendo roupa, absorvia seus modos de falar. E, graças ao encantamento pela primeira professora, Eunice Vasconcelos

(1909-1977), sentiu nascer a "amorosidade", como dizia, pelos estudos da língua popular e da erudita — elementos essenciais para seu método, no futuro. *"Eunice me pedia que colocasse numa folha de papel tantas palavras quanto eu conhecesse. Eu ia dando forma às sentenças com essas palavras que escolhia. Então, Eunice debatia comigo o sentido, a significação de cada uma."*

O método de Paulo Freire, que não usava cartilha, mostrou ser possível alfabetizar um adulto — eram trabalhadores rurais de Angicos, interior do Rio Grande do Norte — em apenas 45 dias, tamanho o envolvimento que provocava: os alunos passavam a refletir sobre o papel ativo dos homens na criação de suas próprias condições de existência. E a entender que poderiam modificá-las. Nesse processo, valorizava-se o papel da linguagem escrita.

Compreende-se que o objetivo — alfabetizar, conscientizando — fosse visto como perigosíssima forma de subversão pela ditadura que tomou o poder depois do golpe militar de 1964. Paulo Freire, que poderia ter saído do Brasil com ajuda de uma embaixada, em Brasília, preferiu ficar. Partir seria abandonar seus jovens seguidores.

Foi preso, interrogado e, depois de solto, numerosas vezes chamado a depor. Tanto o azucrinaram que, impossibilitado de prosseguir seu trabalho, deixou o Brasil: *"Vi que não tinha condições. A única coisa que sabia fazer era o que não podia fazer. Prefiri continuar vivo a entregar-me a uma espécie de morte lenta, ou cinismo"*.

Foi para a Bolívia, que deixou após um golpe de estado. Seguiu ao Chile, ficando até 1969. Trabalhou como assessor do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e do Ministério da Educação, além de consultor da Unesco. Convidado a lecionar na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e a trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, na Suíça, aceitou os convites.

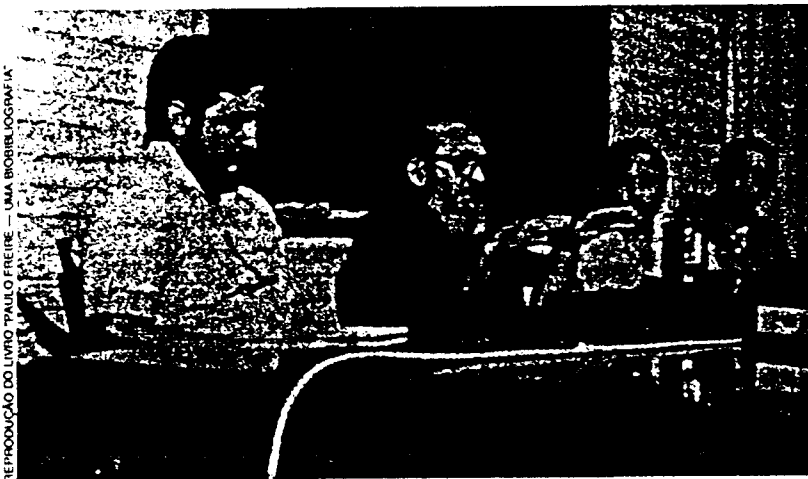
"Andarilhei", dizia. Pela África, Ásia, Oceania e América — exceto o Brasil. Ajudou países que tinham conquistado sua independência a elaborar seus planos de educação: Guiné Bissau, Cabo Verde, Angola. Na Suíça, foi professor da Universidade de Genebra. Sempre ressaltava, declarando-se andarilho da obriedade: *"Experiências não se transplantam, elas se recriam, reinventam-se"*.

Paulo Freire foi para o longo exílio com sua família. Casou-se em 1944 com a professora primária Elza Maia Costa de Oliveira (1916-1986), que conheceu enquanto estudava direito, no Recife. Nessa época, dava aula de língua portuguesa no colégio Oswaldo Cruz — o mesmo que, graças ao esforço de sua mãe, lhe concedera uma bolsa de estudos para cursar o ginásio. *"Elza foi um dos encontros mais criadores de minha vida. Disso deu cinco filhos e alguns netos. Estamos casados há 33 anos e a cada dia a gente descobre uma coisa nova"*, afirmou em 1978.

Dos filhos que o acompanharam ao exílio, Maria Madalena, casada com o ministro da Cultura, Francisco Weffort



Freire recebe em 1975 o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Louvain, Bélgica: reconhecimento Internacional.



Na Nicarágua (1979) com Arturo Ornelas (esq.), o ministro da Educação Carlos Tunnerman e Fernando Cardenal (dir.), da Cruzada Nacional de Alfabetização.



Com Mário Sérgio Cortella, que o substituiu na Secretaria de Educação da Prefeitura paulistana no governo de Luiza Erundina.

(59), Maria de Fátima e Maria Cristina são educadoras como o pai. O filho Joaquim é músico e Lutgardes, professor de inglês.

Com netos no Brasil e quinze anos de ausência, Paulo Freire achou que era tempo de voltar. Mas o governo negava-lhe o passaporte. A arbitrariedade motivou uma carta sarcástica do cartunista Henfil (1944-1988) ao general-presidente Ernesto Geisel (1908-1996): devolvia o passaporte, por descobrir que estava no país do general; partiria em direção à pátria, o Brasil. Assinava e colocava um P.S. *"Só pra me informar: que país é este?"*

Paulo Freire voltou em junho de 1979 e no aeroporto de Viracopos, em Campinas (SP), ao descer do avião, avisou: *"Vou reaprender meu país"*. Escreveu Darcy Ribeiro (1922-1997) à

**“Nita, como você está bonita” — ele elogiou a ex-aluna Ana Maria. Casaram-se no mesmo ano. “Não tive medo, aos 66 anos, de refazer minha vida. Eu não me casei para substituir Elza, nem para prolongar Elza. Casei-me de novo para continuar vivo e porque amei de novo.”**

época: “É uma alegria para mim, para todos nós, a volta do Paulo Freire. Olha, Paulo, peca, faz uma bobagem aí, senão você vai pro céu de tanta pureza”.

**E**m 1986, morreu a esposa. “Vivi 42 anos de plenitude com Elza. Sem hiatos, mesmo quando discordávamos”, observou. Deprimido, só se reanimou fotografando lugares em que esteve com Elza. Em 1988, reencontrou — incrível coincidência — a filha do proprietário do Colégio Oswaldo Cruz e sua ex-aluna, a professora de história da educação, Ana Maria (62). Apaixonou-se. “Nita, como você está bonita”, elogiou-a um dia. Casaram-se no mesmo ano. “Não tive medo, aos 66 anos, de refazer minha vida. E não me casei para substituir Elza, nem para prolongar Elza. Casei-me de novo para continuar vivo e porque amei de novo”, explicou.

Com 67, em 1989, filiado ao Partido dos Trabalhadores, aceitou o convite da prefeita Luiza Erundina (62) para ser secretário de Educação do Município de São Paulo. Criou um sistema de decisão colegiada, mas não ficou até o fim do mandato, ansioso para voltar a escrever e possivelmente cansado de polêmicas. Muitos o criticavam por ameaçar professores que corrigissem os alunos, riscando de vermelho seus erros. Freire, afirmavam, ao negar o erro, nega o acesso ao padrão culto. O educador revidou: “*Não é nada disso. O desrespeito à linguagem e à cultura do menino termina fazendo com que esse menino introjete a certeza de sua incompetência. Defendo o respeito à cultura popular e uma compreensão diferente do erro, que vejo como um momento na busca do acerto*”.

Paulo Freire foi homenageado numerosas vezes no exterior. Mas só em 1995 recebeu um prêmio no Brasil — o Moinho Santista, pela obra. Dividiu-o com o economista Celso Furtado (76); cada um recebeu 35 000 reais. Ainda em 1995, Freire sofreu um espasmo cerebral que o deixou com seqüelas temporárias, na memória. Na semana passada, quando um infarto o levou, às 6h30 da bela manhã de outono, dia 2 de maio, ainda soavam as palavras de uma de suas últimas entrevistas, inspirado na caminhada dos trabalhadores sem-terra: “*Eu morreria feliz se o Brasil fosse tomado por marchas. A marcha dos estudantes, dos trabalhadores, dos que não têm escola, a marcha dos reprovados, dos que querem amar e não podem*”. Pois uma de suas certezas era a de que a esperança não floresce na apatia. ●



O então secretário municipal de Educação com a prefeita paulistana Luiza Erundina: “É urgente (...) mudar a escola pública, melhorá-la, democratizá-la”.



Em casa em 1992 com sua segunda mulher, a pesquisadora educacional Ana Maria Araújo.

## O MESTRE E A FAMÍLIA

**N**estes depoimentos para CARAS, a homenagem dos familiares ao pai, amigo e grande intelectual Paulo Freire.

**O filho Lútgardes** — “Ele sempre nos disse a verdade. E a verdade, quando se é pai, muitas vezes é dizer para o filho que não há pai perfeito, não há mãe perfeita nem educação perfeita. Mas há uma educação que se faz todo dia, que se trabalha e se discute diariamente. Ele sempre esteve aberto para conversar comigo sobre qualquer problema, sobre qualquer dificuldade que eu tivesse.”

**A filha Madalena** — “Meu pai era muito especial, porque tinha um sentido do que era amar a vida, do que era viver; um sentido da

urgência do viver e não perder tempo; de acreditar no que se quer construir na vida e fazê-lo. E ele fazia tudo com bom humor e alegria. Eu perco o nso presente de meu pai, o riso concreto, mas não perco o que aprendi com ele. Com sua morte, aumenta para nós a responsabilidade de continuar mantendo o que nos ensinou.”

**Ministro da Cultura, Francisco Weffort** — “Perdemos um grande intelectual, grande criador e grande líder cultural. A influência dele na área da educação permanece. Essa é a característica dos grandes pensadores, que formam outros líderes: quando desaparecem, suas idéias se reproduzem através do tempo.”